

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 943	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Imp. de Ferreira & Oliveira, Lt.ª — Rua d'Alegria, 100
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	10 DE MARÇO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



S. M. A RAINHA ALEXANDRA DE INGLATERRA
(Photographia de Stuart, de Londres)

QUAS uma demonstração de estreita amizade e alliança da Inglaterra, vae Portugal receber com a visita de Sua Magestade a Rainha Alexandra, que deve chegar ao Tejo no dia 17 do corrente. Ainda nos primeiros dias d'este anno os Duques de Connaught e suas gentis filhas, as princezas Victoria Patricia e Margarida Victoria, honraram Lisboa com a sua visita, e já hoje podemos registar mais uma gentileza dos reis de Inglaterra com a vinda á nossa capital, de Sua Graciosa Magestade a Rainha Alexandra.

Será de pouca demora a visita, mas será cordeal o acolhimento e festivos os dias que Sua Graciosa Magestade estiver entre nós. A Rainha Alexandra Carolina Maria Carlota Luiza Julia é filha do rei Christiano IX da Dinamarca e nasceu em 1 de dezembro de 1844. Em 1863 casou com, o então, Principe de Galles, hoje Eduardo VII de Inglaterra.

D'este enlace nasceram os seguintes filhos: em 3 de junho de 1865 o principe Jorge Frederico Ernesto Alberto, duque de York, herdeiro presumptivo da corôa, membro da camara alta, capitão de marinha, doutor em leis, cavalleiro da Jarreteira, do Tosão d'oiro, da Annunciada, da Aguia Negra; casou em 1893 com a princeza de Te-h Victoria Maria, que nasceu em 1867; em 1867, a princeza Luiza Victoria Alexandra, que casou em 1889 com o duque de Fife; em 1868 a princeza Victoria Alexandra Olga Maria; em 1869 a princeza Maude Carlota Maria Victoria, que casou em 1896 com o principe Carlos da Dinamarca.

Chronica Occidental

Estes dias que se estão passando agora não são como uma sandwich de carne ensôssa entre as festas que foram e as muitas que se esperam.

Ha mais de quinze dias doente, não assisti ás primeiras; não vi do entrudo senão o meu filho mais novo vestido com um dominó; doente ainda, não sei se deslumbrarei meus olhos na formosura da Rainha de Inglaterra, com seus sessenta annos ainda das mais bellas da Europa, nem se verei a bigodeira marcial do Imperador da Allemanha.

Ao meu quarto entretanto, assim como chegaram os ruidos do entrudo, entre as salvas reaes das esquadras uns eccos chegarão talvez das festas que se preparam.

A lua nova veiu com tempo excellente. O entrudo gosou-o á farta. E' natural que os esplendidos dias continuem, e que o céu ajude a receber os principes estrangeiros com maior alegria que a concedida á cidade pelas illuminações, co-retos e postes de bandeiras já conhecidos dos outros festejos.

Continuou civilisado o carnaval, e se, segundo consta, a alegria em Lisboa não se manifestou ruidosamente e o desfilar dos cortejos assumiu o aspecto algo funebre que outros annos o caracterizou, é certo que mascaradas houve despertando a curiosidade, que as ruas estiveram animadas por grande concorrência, que os theatros fizeram optimo negocio e que ninguem se queixou nem de sujidade, nem de brutalidades, o que é de véras um progresso muito digno de registar-se.

O Porto não quiz ficar atraz da capital. O entrudo esteve lá animadissimo, e, como as festas foram muito reclamadas, a concorrência de forasteiros foi enorme. Os hoteis estiveram á cunha, bem como muitas casas particulares que receberam muitissimos hospedes.

Lá como cá, os promotores da festa foram auxiliados pelos dias esplendidos, verdadeiramente de primavera.

Mas desenrolaram-se as ultimas serpentinas, o zabumba fez seu ultimo bum-bum, as capellistas guardaram as caraças até para o anno, e, dançando nos bailes a ultima contradança, as mascaras retiraram-se moidas para casa no lusco-fusco da manhã, talvez já no caminho encontrando velhinhas devotas que saham para as cinzas.

Foi-se o entrudo. Com os olhos papudos da noite mal dormida, o estomago estragado pelas ceias, um mau sabor na bocca, a população acordou tarde na quarta feira. Espreguiçou-se; doialhe o corpo. Bocejou: — «Vamos a isto!» — e voltou de má vontade á vida de todos os dias.

De que ha de falar-se, senão de politica? Nem durante o carnaval deixaram os politicos em socego. Lá estava a tabacaria *Estrella Polar*, com as rimas dos tabacos e phosphoros, e por cima d'ellas dois sobrescriptos numerados, allusão ao tão fallado concurso. Entre os artigos carnavalescos publicados em terça feira gorda pelos jornaes de Lisboa, lá vinha discutido o sr. José Luciano de Castro, nem sequer, n'estes dias de estroinice para os outros, podendo descançar socegradamente umas horas no seu palacio da rua dos Navegantes, tão isolado lá no cimo da Estrella, tão longe do Chiado e da Avenida!

A libra desceu de preço, os fundos portuguezes sobem em todas as bolsas, o que é signal de credito; diz-se que do Brazil tem vindo grande quantidade de dinheiro para Portugal; mas os ministros continuam sendo atacadissimos, com uma violencia que já não viamos ha muito na imprensa portugueza. Trata-se de dinheiro; os animos exaltam-se. Lá por esse ponto não se sahio do costume.

Os politicos andam anciosos pela abertura das camaras, onde todas estas questões serão, muito naturalmente, energeticamente debatidas. Fala-se em grandes surpresas. Todos as esperam. Discute-se muito a vida do ministerio, tal, pelo menos, como está constituído.

O entrudo acabou e, porque foi mais vistoso que o dos annos precedentes, ainda naturalmente entreterá conversações, dará uns dias ainda umas linhas aos jornaes menos acerrimos na politica. As costas dos ministros folgarão algum tanto, enquanto ainda se discutir o carro do theatro do Principe Real e a graça do Alfredo de Carvalho mascarado de D. Quixote seguido pelo Caetano Reis caracterisado de Sancho Pança.

Haverá n'outra sociedade lembranças saudosas de lindas festas, da *Pavana* admiravelmente dançada em casa dos Condes da Azambuja e da recita de amadores em casa do Conde da Figuei-

ra, á qual assistiram a Rainha Senhora D. Amelia e os seus dois filhos.

Quarta feira de cinzas ainda participa do carnaval. Chamam-lhe alguns o entrudo dos actores, que finalmente descançam.

As hortas costumam encher-se de gente. Todas as casas de comidas na estrada de Sacavem, no Campo Grande, em Cabo Ruivo, em Bemfica e no Lumiar, enchem-se de todos os que trabalharam nos dias em que os outros se divertem e para fóra de portas vão rir, cantar, comer e beber, sobretudo beber.

Que seria este anno com o dia lindo como esteve?

Felizes dos que puderam gosar um tempo assim, longe de Lisboa, enquanto esta se esforçava por divertir-se.

Domingo ainda fez sua careta, mas segunda feira — de mais a mais, lua nova para socego dos mais timoratos — o dia esteve esplendido e o céu d'um azul que foi maravilha.

Cintra, sempre muito concorrida n'estes dias por todos aquelles que preferem ao bulicio, terror de neurasthenicos, a paz da natureza, deveria ter recebido seus hospedes encantadoramente.

Estes principios de primavera são na serra o que ha de mais bello, quando já flores desabrocham por todos os recantos e as hervas estão viçosas e cada fiosinho d'agua canta alegremente saltando entre o granito. Muitos frequentadores de Cintra desconhecem-a completamente, porque não a viram nunca, nem quando ella está em toda a sua opulencia, março e abril, nem depois, nos meados do outomno, quando a reveste um manto d'oiro.

E' natural que o bom tempo se prolongue. A familia real ingleza tem gosado esta sorte, que não foi dada a todos os principes. Lembramos do tempo horrivel que fez durante os dias em que entre nós se demorou o Rei de Hespanha. O mesmo não succedeu com Eduardo VII nem com os Duques de Connaught; o mesmo não succederá com a Rainha Alexandra.

Já o Imperador Guilherme não pôde ter a mesma certeza. Durante estes dias não faltarão preces dos lavradores, que pouco já teem para dar de comer aos gados.

Andam assustados os do Ribatejo, não venham chuvas tardias coincidir com o descoalhar das neves, o que lhes dará pela certa uma cheia temivel.

Mas a gente de Lisboa é em geral indifferente a essas preocupações, e logo que apanha um dia bonito trata de gosar o melhor que pôde. Trajam de verde claro as accacias e de cor de rosa as olaias, logo as tardes na Avenida são concorridas pelos mais bonitos rostos de Lisboa. E' aproveitar estes fins de inverno, enquanto S. Carlos não fecha e o Colyseu continua a ter recitas da moda.

Março e abril ainda são bons mezes para theatro. O de D. Amelia ainda espera este anno algumas companhias estrangeiras, e veremos mais uma vez a grande actriz Susanne Desprez, que tanto agradou quando aqui esteve com Antoine e representou de maneira que a todos entusiasmou a *Fille Elisa* e o *Poil de Carotte*.

Um bocadinho de arte nos distrahirá mais uma vez da politica.

O resto da distracção nos virá de fóra, com as noticias da Russia, onde a guerra e a revolução dão que discutir para a imprensa de todo o mundo.

A noticia da liberdade de Gorki foi recebida em toda a parte com verdadeiro jubilo, mas não foi mais que um pequenino relampago em meio de trevas muito densas. Continuum os pontos de interrogação sobre o futuro do immenso imperio. Os japonezes continuam victoriosos na Mandchuria e a dinamite na Europa continua a obter victorias. O Czar chora e resa. O senhor do maior imperio na terra ainda ha de inspirar piedade aos mendigos.

João da Camara.

O CARNAVAL DE 1905

EM LISBOA

Desceu o panno sobre o terceiro anno do carnaval civilisado e folgamos de registar que elle compensou os esforços das commissões que tomaram a seu cargo o digno emprehendimento de o transformar.

Notou-se n'estas festas a falta do elemento official a dar-lhes a grandeza que ellas poderiam ter, se porventura a camara municipal se collocasse á frente d'ellas como ha exemplo n'outros paizes, onde as festas carnavalescas revestem um cunho de importancia tal que levam a visital-os

grande numero de *touristes*, facto com que o commercio lucra, dando-lhe uma vantajosa compensação da verba com que elle concorre para as despezas, se porventura para ellas é chamado a contribuir.

Mas vamos andando que não vamos muito mal. Roma não se fez n'um dia.

O pó, o tremoço, a agua, os ditos chulos, as phrases muitas vezes indecorosas que por ahí ouviamos pelas ruas a cada momento, e com que se permittiam mimosear-nos os ouvidos certos engraçados de mau gosto e de má índole, tudo isso nos parece ir já tão longe que não voltará a traz, e só algum avinhado, por habito de convivencia, destoou d'essa nota harmonica em que se empenhou Lisboa de não desafinar, mas para esses não ha *ligas carnavalescas*, nem *commissões de imprensa* que os mettam a caminho, nem mesmo a propria policia os vence.

O carnaval em Lisboa principiou no sabbado gordo pelo cortejo nocturno, um bem organizado cortejo em que tomaram parte, além d'uma brilhante cavalgada organizada pelo estimado *sportman* sr. João Gagliardi, dois carros executados sob a direcção e desenhos do notavel caricaturista francez Billon, sendo um da *Imprensa* e outro destinado á banda dos bombeiros municipaes, cujas rodas representavam moedas de 20 réis e 10 réis, em grande formato, adornadas com balões, o que produzia bello effeito.

O carro dos musicos tinha aos lados alguns compassos da grande opera portugueza *Margaritha* vae á fonte.

O carro da *Imprensa*, tinha ao centro um throno, onde estava sentada uma gentil mulher, representando a *Imprensa*, e que de lapis em punho tomava notas; em volta do throno uma série de janellas originaes, forradas a papel e nas quaes estavam desenhadas varias caricaturas que se destacavam com a luz na transparencia do papel.

Abriam o cortejo dois campinos do abastado lavrador Roberto da Fonseca, ladeando o carro da *Imprensa* outros dois campinos do sr. Marquez de Castello Melhor.

No domingo foi a recepção do rei carnaval e seu sequito, que sahio do Terreiro do Paço em direcção á Avenida da Liberdade, tomando parte n'esse cortejo o batalhão carnavalesco de Alfama, estudantinas, parodias, danças, grupos de mascaras, etc.

O carro do rei Carnaval era de bello effeito, representando o velho entrudo, na figura de um chéché deitado de costas e sustentando nas mãos um enorme guizo onde pousava um gafanhoto. Na frente ia sentado o Carnaval novo, de calções e casaca de setim encarnado, cortejando o publico com o seu chapéu de pasta. O auctor d'este carro foi o sr. Jorge Collaço.

Outro carro muito distincto era o do nosso collega *Arco Iris*. Enfeitado de colchas de seda, erguendo-se ao centro uma figura de mulher vestida de seda azul clara, com a bandeira nacional sobre os hombros. Esta figura pousava sobre o mundo, onde se lia: *A fama portugueza, que se ergue sobre o mundo, ampara nos seus braços o Arco Iris*.

Em seguida á chegada do rei Carnaval á Avenida começou a batalha das flôres e *confetti*, na qual houve sete premios, conferindo o jury n'essa tarde apenas cinco, que foram:

1.º Ao carro do sr. João Guilherme Barbosa, recebendo o premio destinado á carruagem de uma parelha mais bem ornamentada, um estojo com um serviço de chá, composto de cinco peças de muito valor.

2.º Ao automovel Joséphine do sr. Jorge Burnay, um par de jarras de crystal e prata estylo Luiz XV.

3.º A' bicyclette do sr. Augusto Freitas, premio offerecido pela «União Velocipedica».

4.º Ao sr. Lucio Escorcio, o melhor cavalleiro que se apresentou, um decorativo centro allegorico, em magolica.

5.º Ao sr. dr. Carvalho, uma charuteira para mesa em bronze, premio destinado ao carro puxado a um cavallo, mais bem ornamentado, concedido ao automovel «Gondola Marguerite».

Na segunda feira foi o concurso das mascaras, sendo distribuidos quatro premios:

De 50.000 réis ao batalhão d'Alfama; de 20.000 réis á dança da Bica; de 10.000 réis á mascara nabo (José dos Santos); um tinteiro de prata ao cortejo da Trindade; uma jarra artistica ao carro da Casa das Novidades.

A's mascasadas theatraes tambem foram distribuidos os seguintes premios:

A's mais luxuosas.
1.º premio, theatro do Principe Real.
2.º premio, theatro D. Amelia.

O Carnaval de 1905 no Porto



GRUPO DA DIRECÇÃO DO CLUB DOS FENIANOS DO PORTO

A's mais typicas.

- 1.º premio, cavalgada do theatro da Avenida.
- 2.º premio, á mascarada do theatro do Gymnasio.

Os premios consistiam no seguinte:

Um primeiro premio para a mascarada mais luxuosa, constando de uma soberba estatueta arte nova, representando uma deliciosa figura de mulher n'uma attitude languida.

Segundo premio, tinteiro assente sobre um estrado, onde, ao centro, se ergue a figura de Diana a caçadora, n'um gracioso motivo ornamental.

Primeiro premio para a mais typica mascarada, um alto e valioso barometro em bronze, com thermometer tambem, figuras allegoricas alçando ao alto um globo.

Segundo premio, um jarrão arte nova, colorido, onde esbatem flôres polychromas.

No baile infantil, que se realisou tambem na segunda feira em D. Maria, os premios distribuidos ás creanças constavam de bonecos, carros, mobílias em miniatura, polichinellos, etc.

Na terça feira repetiu-se na Avenida a batalha das flôres e *confetti*, sendo extraordinaria a animação.

Em nenhum dos carnavaes anteriores houve a concorrência que ali se viu na terça feira, tanto em relação ás pessoas que nos diversos talhões assistiam á festa como ao numero de mascaradas a pé, a cavallo, de carruagem, de automoveis, etc.

Compareceram ali, além de todas as mascaradas e cavalgadas, etc., que já tinham figurado no domingo, muitas outras, como foi o batalhão de Campo de Ourique, o cortejo da Trindade, muito numeroso e de grande brilhantismo, o magnifico carro do theatro do Principe Real, numerosas mascaradas populares, etc.

No Chiado tambem a animação foi grande, convergindo ás ruas do *curso* grande numero de carruagens.

Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia andou no Chiado e na Avenida, tomando parte nas batalhas de flôres e *confetti*, e sendo sempre saudada com entusiasmo pelo povo.

O concurso das montras artisticas ou carnavalescamente ornamentadas, despertou grande curiosidade no publico.

Tambem foi dado um premio artistico á janella mais bem illuminada e ornamentada.

Os estudantes da Escola Polytechnica tambem celebraram o Carnaval com uma mascarada em que entrou a Tuna, formando um cortejo engraçadissimo, assim composto: *Corporação de Pyrilampos*, *Companhia de archeiros mornos* o *Orpheon do Alberto das Creanças Abanadas*, representantes da Russia, Japão, França, Hespanha, Italia, China, Outro Mundo. Maças de D. Maria etc.

A mascarada realizou-se no Jardim da Escola.

No PORTO

Na capital do Norte o Carnaval correu igualmente animadissimo e o Club Fenianos Portuenses obteve um verdadeiro triumpho na forma como se houve na organização de todos os fes-

tejos, especialmente do cortejo realisado no domingo gordo, que foi saudado com delirio.

O Club dos Fenianos, que tomou a iniciativa das festas carnavalescas, organizou uma commissão executiva composta dos srs.: Antonio da Silva Cunha, José Moreira da Rocha Brito, Arthur de Castro, Julio Souza, Dr. Alvaro Vasconcellos, Julio Martins da Costa Amaral, Commendador José da Silva Ferreira Bahia, Francisco Gouveia Peixoto e Antonio Pereira da Silva.

Toda a imprensa do Porto é unanime em afirmar que nunca no paiz se fez carnaval assim com tanta imponencia, com tanta diversidade de typos brilhantemente realisados, e, sobretudo, com tanto espirito.

O cortejo, perfeitamente ordenado á medida que elle desfilava retumbavam os vivas aos fenianos, ao Porto, á Imprensa, e ás tunas de Cordova e Valencia, que se encorporaram n'elle

vendo-se nas janellas as senhoras agitarem os lenços e arremessarem flôres.

A commissão do Club dos Fenianos formava a guarda avançada do cortejo montando magnificos cavallos e era composta dos srs. João Terra, Elysio Mello, Antonio Pereira da Silva, Serafim Clare, F. Freitas de Castro, Victor Gomes da Silva Costa e Julio Costa.

No cortejo figuraram os seguintes carros:

O *Carro dos Fenianos*, todo decorado de uvas transparentes, verdes, azues, encarnadas, rôxas, com as suas folhas de parra verde—alface á mistura, tendo no alto, uma figura de mulher—apothose do Carnaval dos Fenianos—estrangeira vestida fim de seculo, na mão as insignias do Club de onde esvoaçavam fitas de seda de todas as côres. No logar da boleia um enorme coração de filigrana dourada. Este carro era puxado por tres juntas de bois. Do carro ás juntas iam



O CARRO DO PORTO, PELO ESCULTOR A. TEIXEIRA LOPES
(Cliché da Photographia Guedes do Porto)

O CARNAVAL DE 1905 EM LISBOA



O AUTOMOVEL ARMADO EM BERGANTIM, DO SR. JORGE BURNAY, PREMIADO



José Ricardo Valle Afonso Taveira Poetulex Fernando Maia Sousa Bastos Visconde S. Luiz de Braga
OS EMPRESARIOS DOS THEATROS DE LISBOA



«AMERICANA» ENFEITADA A ROSAS BRANCAS, DA FAMILIA BASTOS



O CAVALLEIRO SR. LUCIO ESCORCIO, PREMIADO



A CAVALGADA DO SR. J. GAGLIARDI, PREMIADA



O BATALHÃO D'ALFAMA, PREMIADO
Instantaneos do sr. Alberto Lima



O CARRO DO REI CARNAVAL ENTRANDO NA PRAÇA DOS RESTAURADORES
Instantaneo do sr. Marinho



A ESTUDANTINA «LA CHIQUITAS», PREMIADA
Instantaneos do sr. Alberto Lima

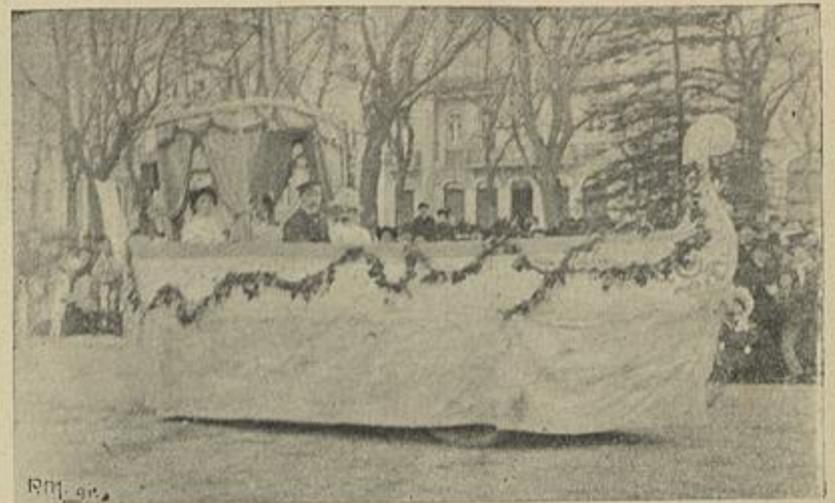
O Carnaval de 1905, em Lisboa



CARRO DO JORNAL «ARCO IRIS»
Photographia do sr. Benoliel



CARRO ALLUSIVO AOS TABACOS



AUTOMÓVEL ARMADO EM GONDOLA, DO SR. DR. CARLOS DE CARVALHO
(premiado)



O CARNAVAL NA ESCOLA POLYTECHNICA — GUARDA DOS ARCHEIROS MORNOS
(Instantaneos do sr. Alberto Lima)

festões de flôres, e, ladeando-o, formosas lavra-
deiras do Minho.

O *Carro das sopesas*. A uma grande janella ia
uma mulher empunhando um estandarte. A
frente um tacho de grandes dimensões, tendo
dos lados cabeças de gallo com as cristas ver-
melhas como sangue. Decoração de nabos, to-
mates, alho e louro. A falda do carro era uma
toalha de mesa com as iniciaes do club. Na tra-
zeira da janella descia um bacalhau descommu-
nal sobre uma enorme couve. Duas parelhas ti-
ravam o carro, e os que iam a ladear eram
acompanhados por *anjos da guarda*.

O *Carro dos socios do club* era uma garrafa
de Champagne, tendo atraz a cabeça do Porto.
Ao centro levantava-se um mastro. Toda a de-
coração era feita com colchas de damasco valio-
sissimas e festões de camelias vermelhas e bran-
cas.

O *Carro do Carnaval novo e do Carnaval ve-
lho*. Em cima de um monturo, d'onde escorre-
gavam ovos partidos, nabos, etc., levantava-se
rutilo e fresco, o moderno Carnaval, de calça de
setim preto, *smoking* de setim encarnado, cha-
peu de pasta, sapato de verniz lustroso. Aos la-
dos, algemadas e acorrentadas, as figuras dos
chéchés, dos pavões, do nabo de S. Cosme, toda
a velharia besuntona o andrajosa. Atraz, tres do-
minós modernos. Guiava o carro um polichinello
servindo-lhe de boleia uma enorme *loup* e tendo
por encosto um resplendor de bisnagas.

Tudo isto puxado a tres parelhas de cavallos
vestindo de *pierrots*, ladeado de polichinellos.
Outro carro chamava-se o *Carro da defeza*

nacional. A' frente, quatro fadistas gigantes de navalha na mão e cabeçorras de melenas espetadas em paus, para lhes dar uma altura descomunal. O carro formava um barco *rabello* armado em couraçado *Tasco da Gama*, tendo escripto no costado: *Nossa Senhora não te rales—Couraçado de 1.ª*. As metralhadoras eram garrafas, d'onde cahiam bonbons como de uma cornupia. Era tripulado por homens da Povoia, todos de grã-cruzes, e rapazes vestidos de marinheiros e condecorados. Seguiam-o quatro alentados moços de forcado.

O *Carro do Saneamento*—a conhecida pipa da meia noite, no Porto—com os tampos pintados de cor de rosa vivo. Precediam-o seis batalhões de amoucos. A pipa tinha no alto um reservatorio em que estava escripto: *Peau l'Espagne Rosas...*. No tempo da frente: *Vadiana*, allusão a um medicamento muito propagado no Porto para a cura da tuberculose. Das rodas pendiam laços de fita de seda. Este carro era puxado por uma junta de bois, e seguido por um bando de carreiros, todos envergando camisas de seda.

No cortejo figurou também o *Carro do Porto* de Teixeira Lopes, fingindo o pavimento uma rua calcetada. No primeiro plano assentava o carro triumphal, todo dourado, estylo Luiz XV com a figura allegorica do Porto: um guerreiro com a sua armadura de aço brunido, o saião de seda ás tiras azues e brancas, o capacete com a viseira erguida, coruscante de pedraria. Caia-lhe dos hombros um manto de velludo-perola levisimo e fluctuante: a mão direita empunhava o estandarte do Club dos Fenianos e a esquerda assentando sobre o escudo da cidade. Era uma figura toda em madeira, d'um modelo correctissimo. A *Industria* e a *Agricultura* representadas em duas figuras de mulher, ajudam as rodas do carro; *Mercurio* Deus do Commercio puxa o carro, mas puxando ainda mais do que elle, estão as figuras do *Zé Povinho* e de um laponio de S. Cosme, esticando as cordas com valentia e força de vontade. Estas figuras tem extraordinaria expressão. E' uma obra d'arte que honra o seu auctor Teixeira Lopes.

O carro foi feito propositadamente para que possa ficar e servir em outros cortejos que de futuro se organisem, ampliado agora com duas figuras o *Zé Povinho* e *Nabo de S. Cosme*, para entrar no cortejo carnavalesco, mas que podem ser a seu tempo eliminadas.

O cortejo repetiu-se na terça feira, sendo augmentado com carros de reclamos e o carro da *Hydra*, uma graciosa critica á politica dos nossos dias.

Aos festejos carnavalescos no Porto não faltaram nem corrida de touros nem fogos de artificio, e a todos estes attractivos não faltou também a concorrência do publico alegre e entusiasta, como demonstrando o renascimento da grande virilidade d'essa nobilissima cidade, a encarnação da actividade nacional e a sentinella avançada das nossas liberdades.

A FAIXA SARAPINTADA

POE

Conan Doyle

(Concluido do n.º 942)

Cessára de bater, e não despregava os olhos de sobre o respiradoiro, eis que, de subito, estruge no silencio da noite o mais pavoroso grito que eu em dias da minha vida ouvira jámais. Transmudou-se em um uivo arrancado a um tempo pelo soffrimento e pela ira.

Consta que, já na aldeia, já no presbitério, mais distante ainda, aquelle berro acordou os mais ferrados no somno, paralisava-me o coração e para ali fiquei, hirto, inanime, fito o olhar em Holmes; este, mirando-me com igual intensidade, e, assim que volveu tudo a cair em silencio:

— Que aconteceu? clamei offegante.

— Acabou-se, respondeu Holmes, e no fim de contas é ainda a melhor solução. Pega no teu revolver. Vamos dar entrada no quarto do dr. Roylott.

Com o parecer carregado, acendeu o candeeiro, e sahiu adiante, tomando pelo corredor. Bateu por duas vezes á porta do doutor, sem obter resposta. Deu então volta ao fecho, e tomando-me o passo, entrou por ali dentro, de revolver apontado.

Singular espectáculo se offerecia a nossos olhos. Poisada sobre a mesa, alumiava o cofre de segurança, cuja porta estava entre-aberta, uma lanterna de furta-fogo. Junto da mesa, sentado em uma cadeira de pau, o dr. Grimesby Roylott,

trajando um chambre cinzento, com os pés descalços enfiados em umas babuchas turcas. Sobre os joelhos do doutor, o chicote de trança muito comprida que de dia chamára a nossa attenção. Com a cabeça muito derreada mirava de fito um canto do tecto. Como que cingindo-lhe a testa uma faixa amarella de singularissimo aspecto, sarapintada de cor de castanha. Não incidiu com a nossa entrada o minimo movimento por parte do doutor.

— A faixa! A faixa sarapintada! murmurou Holmes.

Dei um passo á frente. Acto continuo, buliu o singular turbante, voltava-se contra nós a cabeça chata, triangular, de uma serpente hedionda.

— E' uma vibora das lagoas! clamou Holmes, a mais peçonhenta de quantas existem n'India. O doutor expirou dez minutos depois de ser mordido. Olho por olho, dente por dente. Arremecemos novamente esta creatura para o seu covil, tratemos de collocar miss Stoner ao abrigo de outro tecto mais hospitaleiro e de informar deste acontecimento a policia do condado.

Emquanto isto dizia, tomara o chicote de sobre os joelhos do cadaver, arremecendo em seguida o nó-corredio ao reptil, arrancou-o do seu horrivel pedestal, e a braço tendido levou-o até ao cofre de segurança, atirou-o para dentro e fechou a porta.

E assim pereceu o dr. Grimesby Roylott de Stoke Moran.

Seria ocioso prolongar narrativa já de si tão extensa, relatando o modo porque, após de havermos participado a verdade á joven, a levámos no comboio da manhã á sua estremosa tia, em Harrow. O inquerito official provou que o doutor encontrara a morte brincando incantamente com um perigoso reptil. Hoimes acabou de me esclarecer ácerca de caso tão sinistro, no dia seguinte, quando regressámos a Londres.

— Eram de todo o ponto erroneas as minhas primeiras conclusões, meu caro Watson; o que demonstra o perigo que ha em raciocinar sobre dados insufficientes. A presença dos ciganos, e o emprego do vocabulo «faixa» por parte da pobre rapariga, no intuito de explicara quillo que entrevira de modo confuso á luz de um phosphoro, foram o sufficiente a lançar-me sobre um rastro errado. O meu unico merecimento consiste em haver eu mudado as minhas baterias, desde que se me tornou evidente que o perigo, que poderia constituir uma ameaça para o inquilino deste quarto, não podia vir quer da janella quer da porta.

A minha attenção, conforme disse já, foi atrahida pelo respiradoiro e pelo cordão da campainha dependurado por cima do leito. A descoberta em como era fingido o dito cordão, e achar se o leito pregado ao soalho, induziram-me instantaneamente a suspeitar que a corda devia dar serventia a um objecto o qual, insinuando-se através do buraco, desceria sobre o leito. Accudiu-me desde iogo a ideia de uma cobra, e quando lhe aproximei o facto de receber o doutor bichos remettidos da India, senti haver encontrado o verdadeiro rastro. A ideia de empregar um veneno impossivel de descobrir chimicamente devia occorrer a um homem instruido e sem consciencia, tendo vivido no Extremo-Oriente.

A acção rapida de semelhante veneno representava ainda uma vantagem, no ponto de vista do doutor. Devia de ter muito lume no olho o *coroner* para verificar a existencia de duas picadas pouco menos de imperceptiveis produzidas pelos ganchos peçonhentos. Lembrei-me também do assobio. Era natural que o doutor chamasse outra vez a serpente antes de que o dia permitisse á sua victima verificar-lhe a presença. Amestrava o reptil, provavelmente, valendo-se d'aquelle leite que nós vimos, a recolher ao seu chamado. Fazia-o passar através do respiradoiro, á hora que julgava conveniente, certo em como o bicho, rojando-se ao longo da corda, desceria sobre o leito. Poderiam decorrer varias noites sem que a victima tosse mordida, mais cedo ou mais tarde, comtudo, viria esta a succumbir.

Eu proprio chegara a identica conclusão antes até de ter entrado no quarto do doutor. O exame da cadeira em que jazia provou-nos que tinha por habito trepar para cima da mesma, afim de alcançar o respiradoiro. A vista do cofre de segurança, o pires de leite e o nó-corredio debelavam as ultimas duvidas no meu espirito. O estridor metallico ouvido por Miss Stoner provinha manifestamente do acto de fechar á pressa a porta do cofre. Uma vez estabelecida a minha convicção, sabes os alvitres de que lancei mão afim de adquirir a prova definitiva. Ouviste como eu o silvo do reptil: accendi a luz acto continuo, e investi com o bicho sem perder um instante.

— O que deu em resultado obrighal-o a voltar por onde tinha vindo.

— E também de o instigar a atirar-se ao dono. Das zurzidelas que lhe dei, algumas lhe acertariam, sem duvida, apanhando-o a ponto de arremetter com a primeira pessoa com que topou. E deste modo, sou indirectamente responsavel pela morte do dr. Grimesby Roylott, mas não posso afirmar que me pese por demais na consciencia uma tal responsabilidade.

M. Macedo.

NECROLOGIA

GENERAL EDUARDO ERNESTO CASTELBRANCO

A morte d'este illustre militar foi inesperada e sentida.

Inesperada por que não estando ainda em idade avançada, nem denunciando o seu physico qualquer affecção interna, uma pneumonia grippal o victimou em tão poucos dias, que, para muitos dos seus amigos era ainda ignorada a sua doença; sentida, porque o seu caracter honradissimo, as suas maneiras captivantes, a sua alma generosa, boa e affectuosa, impunham-no ao respeito e á sympathia de todos.

Foi elle o dedicado organisador do Museu de Artilharia, de que era actual director, e a arte deve ao illustre extinto inolvidaveis serviços na intelligente reunião de tantos primores expostos á admiração dos que visitam aquelle estabelecimento do Estado, muitas importantes e voliosas obras dos nossos mais afamados artistas na esculptura e na pintura.

Nessa tenacidade e illustrada iniciativa mostrou o general Castelbranco que alliava a um fino gosto e a uma vastissima illustração, um amor extremoso pela sua obra, por isso á falta do illustre extinto ha de ser uma lacuna custosa de preencher, não porque na direcção do Museu não lhe possam succeder outros officiaes de igual illustração, mas porque elle lhe dedicava todas as suas horas, todos os seus estudos, todas as suas aptidões.

Isso lhe reconheceu o governo, ordenando pelo ministerio da guerra que uma das salas do Museu Geral de Artilharia lhe fosse dedicada, vendendo-se em uma das paredes o retrato do prestimoso official.

Nasceu no Funchal o general Eduardo Castelbranco, em 27 de marco de 1840, não tendo ainda 65 annos completos, á data do seu fallecimento, 24 de fevereiro.

Era filho do contra-almirante Castelbranco, que foi capitão do porto do Funchal e sobrinho e genro do brigadeiro J. Castelbranco, lente de mathematica da Escola Polytechnica.

Assentou praça em 11 de agosto de 1857 e em julho de 1858 foi promovido a alferes de infantaria.

Cursou as escolas polytechnica e do exercito, e completando o curso de artilharia foi promovido a primeiro tenente d'esta arma em 15 de janeiro de 1868.

Em agosto de 1873 foi promovido a capitão e successivamente a major em outubro de 1884; a tenente-coronel em julho de 1889 e a coronel em 1894.

Em 15 de novembro de 1900 passou para o quadro de reserva por assim o haver sollicitado.

Desempenhou differentes commissões da sua arma e entre ellas prestou serviço como subalterno e capitão no regimento de artilharia 1; na fabrica d'armas, onde foi sub-director e director; na inspecção do material de guerra, na Madeira; e na 3.ª divisão militar, na 3.ª repartição da direcção geral de artilharia, como chefe, logar a que competia a superintendencia dos estabelecimentos fabris do Arsenal do Exercito. Ultimamente tinha a seu cargo a direcção do Museu Geral de Artilharia, commissão que desempenhou com a inexcedível competencia a que já alludimos.

O general Castelbranco era grande official de Aviz por serviços distinctos, commendador de Aviz e S. Thiago, condecorado com a medalha de prata de comportamento exemplar e com a de merito militar hespanhol.

O retrato do illustre extinto acha-se publicado a paginas 4 do presente vol. do OCCIDENTE.

CONDE DE THOMAR

Victimado por uma grave doença que ha tempos o trazia affastado dos trabalhos parlamentares, falleceu no dia 19 de fevereiro, na sua casa de Lisboa, o sr. Antonio Bernardo da Costa Ca-

bral, actual conde de Thomar, filho primogénito do fallecido marquez do mesmo titulo, que foi primeiro ministro da rainha senhora D. Maria II.

Estudando em Coimbra, onde fez o curso de philosophia, seguiu a carreira diplomatica.

Começou a sua carreira como segundo addido á legação de Washington, para onde foi nomeado por decreto de 19 de março de 1859, passando em 1860 para a legação de Londres, e d ali transferido para Turim.

Em 1862 passou ainda como segundo addido para a delegação de Bruxellas e por decreto de 11 de dezembro de 1863 foi promovido a primeiro addido para Roma.

N'esta qualidade se viu ali como encarregado de negocios, interino, desde 2 de junho até 24 de dezembro, e como primeiro addido até 1 de abril de 1865, voltando a assumir as funções de encarregado de negocios, interino, até 16 de março de 1866, vindo em seguida para Lisboa no goso de licença, sendo-lhe concedida a graduação de secretario de legação por decreto de 26 de abril de 1866.

Em 19 de julho do mesmo anno foi nomeado para servir na repartição do gabinete do ministro dos negocios estrangeiros, onde serviu até 19 de julho de 1867, indo em seguida para Paris na qualidade de secretario da missão especial de que fôra encarregado o sr. conde de Casal Ribeiro.

Regressando mezes depois á referida repartição do gabinete, ali continuou no desempenho do seu anterior lugar, sendo promovido a secretario effectivo para a legação na côrte do Rio de Janeiro, por decreto de 24 de janeiro de 1868, cargo de que não chegou a tomar posse por ter sido exonerado e collocado na disponibilidade.

Em 25 de junho de 1870 foi promovido a primeiro secretario para a legação de Roma e ali serviu até fins de setembro do mesmo anno, em



CONDE DE THOMAR

que partiu para Lisboa no goso de licença. Reassumindo as mesmas funções em janeiro de 1871, ali se conservou até dezembro de 1874.

Em dezembro de 1874 partiu para a Belgica como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario por decreto de 27 de agosto.

Tomou posse da legação da côrte de Bruxellas em dezembro de 1874, exercendo as funções do seu cargo até 15 de janeiro de 1875, de junho do mesmo anno a novembro de 1876, de 4 de maio de 1877 a 1 de setembro do mesmo anno e de 17 de novembro de 1877 a agosto de 1878.

Neste anno foi nomeado na qualidade de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario para, em missão especial, assistir em Bruxellas ás festividades que n'aquella côrte se realisaram por occasião do 25.º anniversario do casamento do rei Leopoldo.

Em 9 de janeiro de 1879 de novo voltou a exercer n'aquella côrte as funções de ministro plenipotenciario e ali se conservou até 8 de agosto de 1881, tendo sido por decreto de 15 de junho do mesmo anno exonerado d'aquelle cargo e collocado na disponibilidade.

Succedendo a seu pae no pariato tomou assento na camara dos dignos pares em janeiro de 1890.

Filiado no partido regenerador apreciava as questões politicas com toda a imparcialidade e nos ultimos tempos foram sempre as questões diplomaticas que lhe mereceram as suas mais espezias attentões.

Tratou com muita energia as questões das companhias das Aguas e do Gaz, e combateu com vigor a permanencia do gazometro da Companhia do Gaz junto á Torre de Belem, patrocinando muitas outras reclamações importantes, entre as quaes a dos portadores dos titulos da divida interna, quando se discutia a deducção decretada nos juros da mesma divida.

Era condecorado com as gran-cruzes de S. Gregorio Magno, de Roma; da Corôa de Carvalho, dos Paizes Baixos; do Leão Noerlandez e de Leopoldo, da Belgica; e com as commendas de Nossa Senhora da Conceição; de Carlos III, de Hespanha; Cruz de S. Mauricio e S. Lazaro, de Italia; e Officialato da Ordem da Corôa, de Italia.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras



R. do Alecrim, 441, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

Atelier Photo-Chími-Graphico

P. MARINHO & C.^a

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

N.º telephónico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras.—Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

Caixa Geral dos Depositos

e Instituições de Previdencia

Operações pela Caixa Geral de Depositos

Adiantamentos de juros de quaesquer titulos de divida publica que não estejam imobilizados perpetua ou temporariamente.—Empréstimos a curto prazo sobre penhores dos mesmos titulos.—Empréstimos a corporações administrativas.—Desconto de letras sacadas sobre o thesoureiro do ministerio da marinha.—Adiantamentos de vencimentos a funcionarios publicos e pensionistas do estado.—Operações em cje de subsidios devidos por lei e descriptos no orçamento geral do estado com encargo regular e effectivo do thesouro.

O juro, prazo e demais condições das operações acima mencionadas serão determinados segundo es circumstancias do mercado.

Operações pela Caixa Economica Portugueza

Depositos vencendo juros de 3.60 por cento ao anno capitalizados annualmente.

Os depositos podem-se elevar em cada anno até á quantia de 1:000\$00 réis, não podendo, porém, cada depositante ter em deposito quantia superior a 3:000\$000 réis.

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE

REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobillas e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

EMPRESA DE CARRUAGENS FIDELIDADE

Proprietario — JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR

N.º TELEPHONICO 500

Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences

PARA TODOS OS SERVIÇOS

Rua de S. Bento, 46 — LISBOA

E no ESTORIL, Parque do Ex.º Sr. José Vianna

Almanach illustrado do «Occidente»

PARA 1905

Sahiu a publico este magnifico annuario, e encontra-se á venda em todas as livrarias. A capa é um lindo chromo, reproduzindo um typo de mulher do Minho, de um bello effeito, aguarella de José Leite.

Preço 200 réis e 220 pelo correio

Recebem-se encomendas na

Empresa do OCCIDENTE — Lisboa



LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900



Français, Allemand, Anglais, Espagnol,
Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal